

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTÉTICA E GESTÃO DA MODA

BRUNA SALLES BRACONI DE MOURA

O OPOSTO DO OSSO: RELAÇÕES DO CORPO SOCIAL DA MULHER
GORDA

SÃO PAULO

2017

BRUNA SALLES BRACONI DE MOURA

**O OPOSTO DO OSSO: RELAÇÕES DO CORPO SOCIAL DA MULHER
GORDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização em Estética e Gestão da
Moda como requisito para obtenção do
Título de Especialista em Estética e
Gestão da Moda.

Orientador: Prof. Dr. Emerson César do
Nascimento

SÃO PAULO

2017

BRUNA SALLES BRACONI DE MOURA

**O OPOSTO DO OSSO: RELAÇÕES DO CORPO SOCIAL DA MULHER
GORDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização em Estética e Gestão da
Moda como requisito para obtenção do
Título de Especialista em Estética e
Gestão da Moda.

Orientador: Prof. Dr. Emerson César do
Nascimento

Aprovada em: 16/08/2017

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

O corpo feminino sempre foi debatido na sociedade, principalmente em relação ao tamanho deste. O objetivo desta pesquisa é fazer uma reflexão acerca das mulheres a partir do século XVIII até os dias de hoje e os discursos do corpo de cada época e analisar o corpo gordo no século XXI, principalmente a partir de sua segunda década. Utilizamos *websites, weblogs e Instagram* como as principais fontes para buscar pessoas, relatos e histórias para acrescentar dados a este estudo.

Palavras-chave: corpo, mulher, gorda, gordofobia, redes sociais

ABSTRACT

The female body has always been debated in society, especially in relation to its size. The purpose of this research is to make a reflection about women from the eighteenth century to the present day and the speeches of the body of each era and analyze the fat body in the 21st century, especially from the second decade. We use websites, weblogs, and Instagram as the primary sources to look for people, narratives, and stories to add data to this study.

Key-words: body, woman, fat, social media

Agradecimentos

À minha mãe, que sempre me apoiou em todas as minhas loucas decisões, desde a escolha da graduação até as constantes mudanças de cidade e de formação pessoal e profissional. A primeira pessoa a dizer “Vai e faz! Com o resto a gente dá um jeito!”. A mulher mais importante da minha vida, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, tristes e felizes.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Emerson do Nascimento, que me inspirou desde o primeiro dia de aula desta Especialização e com que, felizmente, tive o privilégio de poder contar também durante a orientação. Obrigada pela disponibilidade, compreensão e principalmente pela paciência. O tempo urge, mas no final tudo dá certo!

Aos amigos que fiz durante todos esses anos. Os que ficaram na memória e os que ainda estão presentes. E, principalmente, aqueles que, diante dos mais tentadores convites, entenderam os sucessivos “nãos” como resposta quando os prazos apertavam.

A todos os meus inesquecíveis mestres da graduação e da pós graduação, que, graças às aulas e visões de mundo bastante diferentes e, muitas vezes, divergentes (principalmente politicamente), estimularam a minha reflexão quanto ao objeto de estudo.

À Lina, a secretária mais paciente da USP, que aguentou todos os desabafos, críticas e elogios sobre o curso durante esses dois anos de aprendizado. A mulher que faz milagres, nos entende, mas também sabe dizer "não" quando não há mais o que fazer. Uma pessoa maravilhosa e verdadeira “mãezona” da turma.

Ao Marçal, funcionário da USP, que sempre chegava na hora certa com os lanchinhos, que nem sempre eram pão de queijo (infelizmente). Sentirei falta de entrar na sala de aula e não ver “Os Três Patetas” no Youtube.

À Clarissa, que desde 2015 me ouve, me aceita e me ajuda.

Dedico este estudo a todas as meninas gordas que, assim como eu, se enxergam num mundo que muitas vezes nos diminui, nos julga e nos ofende. Somos o oposto do osso, do magro, somos resistência!

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo I – O Corpo através da História: as mulheres do século XVIII e XIX	10
1.1 O feminino e o século XVIII	10
1.2 A mulher no século XIX.....	13
1.2.1. A mulher operária.....	13
1.2.2. A mulher e a Moda Império (1804-1815)	15
1.2.3. O Romantismo (1820-1840)	15
1.2.4 A Era Vitoriana	17
Capítulo 2 – o corpo feminino no século XX.....	21
2.1. Veste Cinema.....	21
2.2. Barbies fora da caixa.....	24
2.3. A Auto-estima delirante e o corpo espetáculo	27
Capítulo 3	33
3.1. Weblogs	33
3.3.1. Ju Romano – Entre Topetes e Vinis	34
3.3.2. Grandes Mulheres	36
3.3.3. Moda <i>Plus Size</i> Brasil	37
3.2. Website	38
3.2.1. Lugar de Mulher.....	39
3.3. Instagram	42
3.3.1. Juliana Romano (@ju_romano)	43
3.3.2. Jéssica Lopes (@femefatalebyjeh).....	44
3.3.3. Mariana Lima (@modaplussizebr).....	44
Considerações finais.....	46

Introdução

A presente pesquisa sobre o corpo feminino, seus padrões e os seus discursos surgiu da solidão da autora, que se via à margem de um mundo de magros, embora sempre soubesse que não era a única. Questionar os padrões de beleza de cada época foram essenciais para entender o corpo hoje e as múltiplas possibilidades de sua existência.

Percorrer a história do corpo feminino ao longo dos séculos foi interessante para entender que o corpo gordo obviamente sempre existiu, mas hoje tem maior espaço na sociedade principalmente devido aos novos discursos que surgiram, principalmente com a internet. A intenção dessa reflexão não é relacionar o corpo gordo à saúde, mas sim perceber a existência dele à margem da sociedade.

A primeira pergunta que surgiu quando começamos a buscar artigos, textos e livros que visassem enriquecer esta pesquisa se deu ao assistirmos uma videoconferência da Professora Doutora Denise Bernuzzi de Sant'Anna em um evento realizado na UNICAMP, em que ela questionava "O que estamos fazendo dos nossos corpos?".¹ Tentar responder a essa complexa pergunta foi o ponto de partida e o que delineou o caminho que esta pesquisa seguiu.

Quanto mais a sociedade exige do corpo a saúde, o controle, o rendimento e a civilidade, mais homens e mulheres se voltam para a busca de seus corpos, para o consumo de terapias, de remédios e de cirurgias destinados a reabilitá-lo não apenas para o trabalho, mas principalmente para o prazer. Por conseguinte, nós temos hoje uma intensa exploração dele, mas também uma insistente vontade de controlá-lo, protegê-lo, conhecê-lo e valorizá-lo.

O corpo sempre esteve em evidência. Sempre foi retratado, transformado e discutido na sociedade, principalmente a partir do século XVII, onde surge uma "nova forma de conhecimento que dará sentido ao mundo e irá conformar não somente a racionalidade, mas também posturas, representações e sensibilidade do homem ocidental moderno".² Dessa maneira, com o homem no centro no universo, questões voltadas para

¹ SANT'ANNA, D.B. Conferência "Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres" proferida na UNICAMP. Disponível em: <http://cameraweb.ccuec.unicamp.br/watch_video.php?v=cwD159a1cz>. Acesso em: 30 mai. 2017.

² RODRIGUES, José Carlos. O corpo na história. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2000, p. 569.

ele próprio passaram a ser importantes no cotidiano: questões internas, sentimentos, vontades e sensações e também questões externas, tal qual a estética, como ponto principal.

As inquietudes provocadas pelos questionamentos acerca do estudo do corpo são mais complexas e polêmicas quando se trata de um corpo gordo. São inúmeros os trabalhos discutindo o corpo magro como sinônimo de saúde e padrão de beleza. Capas de revistas, matérias de jornais, manchetes publicitárias e *websites* também são estampados pelo dito "corpo perfeito". Mas, até que ponto o corpo magro é perfeito? Como podemos dizer que ele é saudável, sem sabermos realmente como é a saúde da pessoa que posou para determinada foto? Afinal, "um corpo nos é dado, sem que sejamos consultados e um corpo que nos é exigido pela instância social das épocas e das culturas".³

Atualmente, vemos, notadamente na internet e em redes sociais, um movimento inverso ao de valorização do corpo magro: a "descoberta" do corpo gordo. Dizemos aqui "descoberta" porque ele sempre existiu, mas nunca como protagonista, a não ser quando era para ser exemplo de falta de saúde ou do já conhecido "antes e depois" de fazer tal dieta, ir à academia, etc., ou seja, o corpo sempre visto por um viés negativo e incômodo. Segundo Vasconcelos,

"A sociedade contemporânea, ao valorizar a magreza, transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o gordo, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar um caráter pejorativo."⁴

Redes sociais, *blogs* de moda e comportamento e propagandas chamam atenção para a existência desse corpo com as temas mais variados. São textos e reportagens sobre aceitação, empoderamento, ensaios fotográficos, os chamados "looks do dia", feitos por meninas gordas, entre outros. Esse movimento constitui uma nova construção social acerca do gordo na cultura contemporânea.

A presente pesquisa foi dividida em três capítulos, percorrendo a trajetória do corpo feminino ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

³ VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2004, p. 68.

⁴ *Ibidem*.

O primeiro capítulo dá destaque ao século XVIII e o seu contexto político e social, caracterizado por turbulência política e econômica, principalmente pela Revolução Francesa e os seus desdobramentos. As mulheres do século XVIII são aqui analisadas através das obras de arte. Já o século posterior foi marcado pelas inúmeras mudanças que a silhueta feminina passou, além das categorias diferentes da moda e das mulheres da época. Discorreremos brevemente acerca do espartilho, da crinolina e da anquinha ou *bustle*, aparatos que podem ser considerados como extensões do corpo da mulher.

O capítulo II chega ao século XX. Nele, foram destacadas as principais épocas em que o corpo feminino sofreu alguma mudança, como a década de 1930 e a influência do cinema Hollywoodiano e de suas atrizes, passando pelas *pinups*, pelas *misses*, pelo corpo de menina da modelo Twiggy até chegarmos a década de 1980, quando a academia e as roupas coladas passaram a dar forma ao culto ao corpo. No final do capítulo, discorreremos sobre as *top models* e o desconforto que o corpo gordo traz quando é notado.

O capítulo III tem como principal objetivo buscar discursos acerca do corpo gordo pela *internet*. Foi feita uma vasta pesquisa nos principais *blogs*, *websites* e *perfis* do Instagram da rede. A escolha de cada um foi feita com base no número de seguidores, curtidas e engajamento de quem escreve.

Através da bibliografia utilizada nesta pesquisa, os seguintes objetivos surgiram: analisar os discursos feitos sobre o corpo gordo nas mídias digitais; compreender as relações existentes entre o corpo gordo e sua construção na sociedade e; contribuir para o estudo sobre os corpos gordos e a formação e sua identidade social, não a partir da perspectiva da saúde.

Capítulo I – O Corpo através da História: as mulheres do século XVIII e XIX

A história da indumentária⁵, da moda⁶ e do corpo feminino estão intimamente ligadas, pois, com o passar dos séculos, percebemos como a silhueta da mulher mudou, qual era o corpo aceito, o que ela deveria vestir ou cobrir, o quão comprimida sua cintura deveria ser, o que era belo e o que não era. De acordo com Brandes,

“A cada época, a construção de trajes e modos de vestir sofrem modificações, e o primeiro território onde isto se explicita é o próprio corpo, pois sobre ele fazem-se as marcas e os símbolos, expressam-se os gestos e mudam-se os adereços. O vestuário encontra-se necessariamente sintonizado às diversas formas que o corpo assume no decorrer da história humana”.⁷

Escrever sobre as mudanças pelas quais o corpo feminino passou ao longo do tempo é uma tarefa complexa. Vemos tais transformações desde que a História começou a ser contada. Como esta pesquisa trata de mudanças no corpo feminino no contemporâneo, entendemos como necessário discorrer acerca do objeto de estudo a partir do século XVIII. Faremos aqui uma breve linha do tempo a partir da História da Moda e da História da Arte, com o objetivo de desenvolver melhor este estudo.

1.1 O feminino e o século XVIII

O século XVIII ficou conhecido pelas Revoluções Industrial e Francesa, pelo Iluminismo e o Racionalismo, o Rococó e o Barroco, o Regime Absolutista e o gosto aristocrático.

“No século XVIII, também os ideais iluministas acabaram por acentuar a depreciação do corpo, dissociando-o da alma, retomando a dicotomia corpo-alma, arquetipada na antiguidade clássica. O pensamento iluminista negou a vivência sensorial e corporal, atribuindo ao corpo um plano inferior. Paralelamente, as

⁵ Indumentária é tudo aquilo que é vestível, seja por proteção ou por pudor. Segundo Barthes, ela “é fortemente significativa, constitui uma relação intelectual, notificadora, entre o usuário e seu grupo” (BARTHES, 2006, P. 273).

⁶ Moda, segundo Calanca, é o “fenômeno social da mudança cíclica dos costumes e dos hábitos, das escolhas e dos gostos, coletivamente validado e tornado quase obrigatório” (CALANCA, 2008, p.11).

⁷ BRANDES, Aline Zendonadi; DE MELLO SOUZA, Patrícia. Corpo e moda pela perspectiva do contemporâneo. *Projetica*, Londrina, v. 3, n. 1, 2012, p.120.

necessidades de manipulação e domínio do corpo concorreram para a delimitação do Homem como ser moldável e passível de exploração.”⁸

O debate estético do século XVIII mostra traços de forte inovação em relação ao Renascimento do século XVI, que determinam sua peculiaridade e sua intrínseca modernidade. Trata-se da relação entre intelectuais e público, da afirmação dos salões femininos e do novo papel da mulher e do surgimento de novos temas artísticos.⁹

A independência dos artistas do mecenato, graças ao crescimento do mercado editorial, fez com que a mulher começasse a aparecer na cena pública. De acordo com Umberto Eco, tal fato pode ser visto quando as mulheres da época barroca foram substituídas por outras menos sensuais, mais confortáveis, sem os corpetes sufocantes, com cabelos à ventania e em poses que passavam mais liberdade. É como se a mulher não estivesse mais presa à armadura de sua antiga indumentária.



Figura 1. Maria Antonieta.



Figura 2. Angelica Kauffmann, Auto-retrato, 1770.

As imagens acima (figuras 1 e 2) são basicamente opostas, embora tenham sido pintadas na mesma época. A primeira, uma pintura de Maria Antonieta no auge do Rococó e dos exageros de Versalhes, mostra como as damas da corte se vestiam na segunda metade do século XVIII: vestidos pesados, com inúmeros detalhes e enfeites, as

⁸ BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, 2011, p. 28.

⁹ ECO, Umberto. *Historia de la belleza*. Barcelona: Lumen, 2004, p. 252.

enormes ancas laterais, a peruca com acessórios de cabeça grandiosos e o rosto branco, destacado por uma bochecha rosada para mostrar saúde. Em contrapartida, a partir da década de 1790, já conseguimos notar uma mulher mais serena, calma e confortável, com um vestido estilo “camisola” – *robe en chemise*, que remetia às roupas que as mulheres gregas usavam durante a Antiguidade Clássica –, cabelos soltos, sem perucas ou acessórios exagerados e também sem a maquiagem pesada. Foi um breve momento de liberdade e conforto nas vestimentas da mulher do final do século XVIII e começo do XIX.



Figura 3. Madame Récamier, 1800. Autor: Jaques-Louis David.

O corpo feminino passou a ser visto e estudado de maneira diferente graças à aproximação dos intelectuais, com o Iluminismo e o Racionalismo, e o afastamento da religião e do teocentrismo. Inúmeros teóricos escrevem sobre o papel da mulher naquela sociedade, não mais como a culpada pelo pecado original, mas sim focados na elaboração de uma ciência médica racional, fundada no cientificismo. Para Barbosa,

“A redescoberta do corpo, nessa época, aparece principalmente nas obras de arte (...) valorizando-se, deste modo, o trabalho artesão, juntamente com o pensamento científico e o estudo do corpo.”¹⁰

Com a Revolução Francesa em 1789 e o fim do regime Absolutista, houve não apenas uma musança política, mas também social. Tudo que era característico do período pré-revolucionário foi transformado, a despeito de alguns saudosistas, que insistiam em manter os costumes do Antigo Regime. A moda, já existente na época, acompanhou esse

¹⁰ BARBOSA; COSTA, op. cit., p. 27.

movimento. Os homens pararam de se enfeitar, deixaram as perucas e os saltos de lado e começaram vestir-se de maneira mais sóbria e austera. As mulheres, principalmente as francesas, adotaram roupas mais simples e leves. É interessante apontar que, com o intuito de se aproximarem das mulheres gregas da Antiguidade que eram vistas nas estátuas de mármore, algumas mulheres usavam camisolões molhados para que esses ficassem colados aos seus corpos. A tez pálida também fazia parte do conjunto. No final do século XVIII, o corpo feminino apresentou poucas mudanças.

1.2 A mulher no século XIX

O corpo e a silhueta feminina passaram por inúmeras mudanças durante o século XIX. Cronologicamente, a História da Moda o divide em: moda do Império, Romantismo, Era Vitoriana e Belle Époque. Contudo, não é o objetivo desta pesquisa de conclusão de curso listar de forma linear os eventos que ocorreram, e sim fazer entender porque houve tantas mudanças ao longo deste período de 100 anos. Nesse sentido, acrescentamos uma nova categoria as citadas acima: a mulher operária. Para Souza,

“E, se ainda hoje, depois de mais de um século de conquistas femininas, a mulher ainda se move como estranha num mundo feito pelos homens e em contradição com a sua índole, naquela época era, na verdade, a prisioneira submissa de um universo que, incomunicável, não suspeitava o fluir de sua alma subterrânea.”¹¹

1.2.1. A mulher operária

É preciso entender que, em relação ao corpo da mulher, faz-se necessário diferenciar os diferentes tipos de mulheres, não fisicamente, mas socialmente e subjetivamente. Classes sociais diferentes exigem diferentes corpos femininos. Durante o século XIX, após as Revoluções Industrial e Francesa, países como Inglaterra e França foram tomadas por uma grande classe proletária: homens, mulheres e crianças que trabalhavam horas a fio nas fábricas.

O corpo da mulher operária deveria dividir-se em trabalhadora, reprodutora, mãe, esposa, enfim, a guardiã da paz e da felicidade dos lares nas cidades. Foram feitos

¹¹ SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 89.

inúmeros debates acerca da posição da mulher nas fábricas, se ela deveria ou não trabalhar a mesma quantidade de horas que um homem ou se continuaria trabalhando de madrugada. Argumentos ligados à proteção da família e da moral, da raça e do salário masculino foram utilizados com o intuito de defender a diminuição da carga horária laboral da mulher.¹² Segundo Crane,

“A mulher casada da classe operária, como a de classe média, devia também se preocupar com a aparência. Em 1873, o escritor de uma revista feminina de classe média afirmou: ‘Já lhes disse, e voltarei ao assunto com frequência: uma mulher, mesmo uma simples trabalhadora, deve ser sempre uma mulher, e zelar *extraordinariamente* por sua aparência.’”¹³



Figura 2. A moda e seu papel social.Fonte: CRANE, 2006, p. 83.

¹² MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel. *O Corpo Feminino em Debate*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 45.

¹³ CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 107.

1.2.2. A mulher e a Moda Império (1804-1815)

Segundo Gilda de Mello e Souza, no início do século XIX, as mulheres trocam as roupas pesadas e cheias de adornos pela simplicidade de um camisolão com a cintura levada para baixo dos seios.¹⁴ Os vestidos, que antes eram pesados e volumosos, tornaram-se escassos e sem formas. Nas palavras da autora, “é o apogeu do exibicionismo do corpo, explorado pelas caricaturas do tempo, onde a ventania cola à plástica libertada os tecidos extraordinariamente transparentes”¹⁵. Em complemento, James Laver diz que os trajes, dessa vez mais leves, pareciam ter sido confeccionados para regiões de clima tropical.¹⁶

O exibicionismo do corpo feminino era visto frequentemente. As camisolas iam até os tornozelos e eram extremamente decotadas. A roupa, sempre como uma extensão do corpo da mulher, conseguiu manter a sua silhueta da forma mais natural possível, sem pesos, extensões e volumes;

“O problema da Mobilidade foi, talvez, o que se levou mais tempo para resolver. A história do costume mostra que, esse sentido, a evolução foi feita da imobilidade para a mobilidade crescente, o corpo evoluindo do bloco total para a libertação dos membros. A necessidade de facilitar o movimento das perna e dos braços veio colocar a arte da vestimenta diante de sérias dificuldades, como seja o problema das juntas móveis, bastante descurado.”¹⁷

Menos de cem anos depois, a sensualidade e exibição do corpo feminino voltaram a se caracterizar por uma indumentária pesada, que cobria praticamente toda a silhueta da mulher, deixando apenas o rosto e, às vezes, as mãos à mostra.

1.2.3. O Romantismo¹⁸ (1820-1840)

O estilo Romântico foi significativo em diversas áreas, tais como: arquitetura, joalheria, movelaria, literatura, moda, etc. No âmbito da moda e do vestuário, as

¹⁴ SOUZA, op. cit.

¹⁵ Ibidem, p. 62.

¹⁶ LAVER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. Editora Companhia das Letras, 2010, p. 155.

¹⁷ SOUZA, op. cit., p. 44.

¹⁸ “‘Romantismo’ é um termo que não designa tanto um período histórico ou um movimento artístico preciso, quanto um conjunto de características, atitudes e sentimentos, cujas peculiaridades residem em sua natureza específica e sobretudo em suas relações originais.” (ECO, op. cit., p. 299)

características mais significativas do período foram a volta da cintura para o seu lugar, o retorno do espartilho e o volume das saias. Aliás, a crinolina foi inventada devido ao peso da quantidade de anáguas que as mulheres usavam, o que, de certa maneira, foi um ponto positivo, pois elas conseguiram movimentar as pernas livremente. Com relação a aparência, mulheres deveriam parecer frágeis e serem pálidas. O ruge, item de maquiagem antes indispensável, foi abandonado. Conforme Souza,

“Mas original é sobretudo o laço entre as diversas formas, ditado não pela razão, mas pelo sentimento *e* pela razão, laço que não visa excluir as contradições ou resolver as antíteses (fininho/infinito, inteiro/fragmento, vida/morte, mente/coração), mas acolhê-las em uma co-presença que constitui a verdadeira novidade do Romantismo.” (idem, p.99)

O comprimento das saias variou durante as décadas. No início de 1820, elas eram compridas e estreitas, já na década de 1830 ficaram um pouco mais curtas e rodadas.

O espartilho foi inventado no século XVI e é usado até os dias de hoje. Trata-se de uma peça do vestuário feminino um tanto controversa e cheia de significados. Após a Revolução Industrial e a invenção da máquina de costura, passou a fazer parte do guarda-roupa de mulheres de todas as classes sociais. Teve diversas modelagens, com seu auge no século XIX, quando passou de uma forma cônica para a de ampulheta. Souza explica:

“Tendo a moda como única meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a busca de seu ser, a pesquisa atenta de sua alma.”¹⁹

Existe uma polêmica muito grande em relação ao uso do espartilho pelas mulheres do século XIX. É senso comum dizer que essa peça de roupa foi como uma armadura que prendia a mulher dentro de si mesma, incapacitando-a de se mover e fazer movimentos mais bruscos. O termo "mulher intocável" também é bastante usado quando descrevemos

¹⁹ SOUZA, op. cit, p. 100.

como essas figuras femininas se sentiam, não só pelo corpete, mas também pelo volume e peso das roupas e pela quantidade de adornos. O movimento feminista do século XX também defende que o espartilho foi um elemento opressor do corpo e que a mulher só começou a sentir-se mais livre quando ele deixou de ser parte obrigatória do vestuário, em meados da década de 1910.

No entanto, há uma perspectiva acerca do espartilho que não vê o acessório como algo negativo e prejudicial para o corpo feminino. Hollander e Tort defendem que a mobilização do corpo feminino não impediu a mulher de se mover:

“gerações de mulheres cobertas de laços e saias muito compridas subiram e desceram as escadas durante o dia todo realizando suas tarefas domésticas, debruçando-se sobre bacias, batendo tapetes, estendendo a roupa na corda e correndo atrás de crianças.”²⁰

Nesse sentido, a quantidade de roupa que a mulher usava não era um impeditivo para que ela realizasse atividades do cotidiano.



Figura 3 Espartilhos. Fonte: BOUCHER, 2010, p. 392.

1.2.4 A Era Vitoriana

A Era Vitoriana passou por duas fases: *Early Victorian*, de 1837 a 1860, e *Mid to late Victorian*, de 1860 a 1901. É interessante notar que a moda muda cada vez com mais frequência e os intervalos de tempo entre uma “tendência” e outra são sempre menores. É claro que certas indumentárias se mantêm intactas durante longos períodos, como, por exemplo, o uso dos vestidos. As mulheres adotaram a calça como parte integrante e

²⁰ HOLLANDER, Anne; TORT, Alexandre. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 175.

definitiva do vestuário apenas no século XX, apesar de terem tentado implementar esta peça no guarda-roupa feminino ainda no século XIX. Segundo Lurie,

“A beleza do início da era vitoriana, como retratada nas ilustrações contemporâneas e estampas da moda, era de constituição pequena e esguia, como a própria jovem rainha Vitória. Seus seios eram de menina e a cintura estreita, olhos grandes e escuros, nada digno de nota quanto ao nariz e queixo, e uma boca minúscula, como um botão de rosa.”²¹

Ainda sobre a Rainha Vitória e as mulheres de seu tempo, Laver afirma: “fazia-se tudo para que as mulheres parecessem tão pequenas quanto possível, em parte, talvez, como referência à rainha Vitória, que era de estatura diminuta.”²² Dessa maneira, os sapatos passaram a serem feitos sem salto com cores que combinavam com os vestidos.

O corpo acompanhava a posição da mulher: ela era uma criatura frágil, intocável, boa mãe e boa esposa, ou seja, deveria ficar recolhida ao lar, pois era o centro da família. Um sólido ambiente familiar dependia exclusivamente daquela mãe-esposa. Enquanto os maridos industriais trabalhavam, elas deveriam ficar dentro de casa administrando as tarefas domiciliares e educando os filhos da maneira mais correta possível. Contudo, quando elas eram vistas fora do ambiente familiar, deveriam estar o mais impecáveis possível:

“As boas maneiras da mulher junto à sua maneira de vestir, de produzir determinada aparência, deveriam ser exteriorizadas. Isso somava pontos para que o homem, em situações sociais, fizesse sua promoção pessoal perante a sociedade (...). A fraqueza sexual representava uma falência maior do que qualquer outra.”²³

Uma das principais características do vestuário feminino nesta época foi a crinolina que, já no final do século, seria substituída pelas anquinhas. A crinolina foi usada por mulheres de todas as classes sociais, devido ao preço baixo das armações, e fazia parte da indumentária para dar volume as saias dos vestidos. Apesar de ser leve, por seu material ser de aço (inicialmente eram feitas com crinas de cavalos trançadas, daí a origem do nome), as mulheres ainda colocavam camadas anáguas por cima para que ela não

²¹ LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p.78.

²² LAVER, op. cit., p. 175.

²³ XIMENES, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. Estação das Letras e Cores, 2009. p. 40-41.

aparecesse. Conforme Souza, “(...) esta poderosa fortaleza de aço era, aliás, um novo elemento na arte de seduzir’, pois animada por uma oscilação ininterrupta, ora cobria, ora revelava os pés, criando os rés do chão uma inquietante zona de espera.”²⁴

Se o espartilho foi uma peça controversa, a crinolina foi mais. A dificuldade de locomoção, passar por portas e sentar-se era tamanha que com o tempo essa peça foi evoluindo para que a mulher se sentisse mais à vontade ao usá-la. Podemos ver que, durante o século XIX, a crinolina passou por mudanças importantes. Por exemplo, em meados de 1860, o acessório diminuiu a sua circunferência e o volume ficou apenas na parte traseira, com o intuito principalmente de facilitar na hora de dançar valsa, já que esta é uma dança que exige contato entre dois corpos.

Souza define bem o corpo feminino no século XIX: como um jogo de esconde-esconde, a mulher chama atenção para os seus “encantos anatômicos, envolvendo-os em mistérios através da reticência do disfarce, transformava-a numa verdadeira caixa de surpresas.”²⁵ Eram muitos os ornamentos desenvolvidos com a finalidade de transformar o corpo feminino e todos com múltiplos significados.



Figura 4. A prova, 1865. Fonte: BOUCHER, 2010, p. 363

Em termos de indumentária, o início da segunda fase da Era Vitoriana, a *Mid Late to Victorian* (1690-1901), foi marcado por uma nova peça de roupa feminina: as anquinhas

²⁴ SOUZA, op. cit., p. 94.

²⁵ Ibidem, p.94.

ou *bustle*, estruturas feitas inicialmente de crina de cavalo que depois foram substituídas por arcos de metal unidos por uma dobradiça, que funcionava quando a mulher sentava-se e levantava-se, dando volume a parte traseira de seu vestido.

As anquinhas tiveram seus altos e baixos. Sumiram na metade da década de 1870 e retornaram aproximadamente 10 anos depois, dessa vez reformuladas. Segundo Laver, foram encontrados anúncios publicitários lançando uma anquinha saudável, feita com outro tipo de material, mais leve e que esquentava menos a coluna.²⁶ Houve também a anquinha Langtry, de tiras de metal, objeto que “podeia ser levantado enquanto a mulher se sentava e votava automaticamente ao lugar quando ela se levantava!”²⁷



²⁶ LAVER, op. cit.

²⁷ Ibidem, p. 200.



Figura 5. Espartilhos, 1885-1895, Musée de la Mode et du Costume de la Ville de Paris. Fonte: BOUCHER, 2010, p. 392.

Sendo assim, o resumo do século, nas palavras Souza:

“O século XIX, trazendo as profissões liberais, a democracia, a emancipação das mulheres e a difusão dos esportes, completará as metamorfoses sociais que fizeram o traje hirto dos séculos anteriores desabrochar na estrutura movediça de hoje em dia”²⁸.

À medida que a mulher luta para tornar-se livre para fazer suas próprias escolhas – não que este tenha sido/seja um caminho fácil –, ela solta suas amarras literais, como o espartilho, a crinolina e a anquinha, e abstratas, a dependência familiar, financeira e política. É interessante fazer essa relação, pois conseguimos vencer inúmeras barreiras para ter voz em um universo dominado pelo masculino, o que poderá ser visto de forma mais simplificada e ilustrada nos capítulos seguintes.

Capítulo 2 – o corpo feminino no século XX

2.1. Veste Cinema

Qualquer mudança na estrutura do corpo feminino abre diálogo para diferentes questões, desde colocar uma calça até usar decote nas costas. A mulher acompanha as

²⁸ SOUZA, op. cit., p. 50.

mudanças na sociedade, principalmente quando ela é a protagonista do meio em que vive. Por exemplo, no início do século XX,

“A mulher, que agora ingressa no mercado de trabalho, busca uma imagem de movimento e atividade por meio de uma elegância apropriada aos novos tempos de desenvoltura e liberdade.”²⁹

À medida que a mulher conquistou diferentes espaços sociais, destacando-se em meios predominantemente masculinos, críticas e discursos sobre sua postura cresceram. Sobre o corpo feminino sempre existiram olhares reguladores e normas, ora implícitas, ora explícitas, nos diversos códigos sociais, fossem textos religiosos ou costumes. A mulher, muito mais do que o homem, é indissociável da sua imagem corporal. O avanço da presença das mulheres no universo do trabalho não vem dissociado de uma modelagem desse corpo. Por mais que o corpo feminino sempre tenha sido debatido na sociedade, sejam estes debates positivos ou não, quanto mais a mulheres apareciam, maiores eram as cobranças, críticas e comentários sobre a posição ocupada e conquistada por elas. Segundo Vigarello e Penchel,

“a transformação na condição feminina sugere uma nova magreza, eliminando mais ainda referências mamárias e rechonchudas; um novo imaginário tecnológico sugere, além disso, mais fluidez e nervosidade, acentuando o que é ágil e esbelto ao mesmo tempo em que crescem os desejos de controle e afirmação de si.”³⁰

Com o ingresso no mercado de trabalho, surgiu um novo *lifestyle* para a nova mulher do início do século XX, agora mais moderna e independente. O trabalho também deveria ser sinônimo de elegância e felicidade. O mercado lançou uma série de acessórios que deveriam fazer parte da rotina de beleza desta mulher trabalhadora, tais como maquiagens, perfumes e talcos, enfim, cosméticos em geral, desenvolvidos unicamente para deixar a mulher com uma imagem “disposta e feliz” durante a jornada de trabalho.

²⁹ FERREIRA, Francisco Romão. Corpo feminino e beleza no século XX. *ALCEU*, Rio de Janeiro, - v. 11, n.21, jul./dez. 2010, p. 190.

³⁰ VIGARELLO, Georges; PENCHEL, Marcus. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente; da Idade Média ao século XX*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 287.

A obrigatoriedade de estar sempre impecável fazia com que o descuido do embelezamento feminino fosse mal visto pela sociedade em geral:

“A ‘mulher que trabalha’ deve também ser ‘agradável de se ver’, tanto na chegada quanto na saída do trabalho. A atuação feminina no mundo do trabalho cria novos critérios estéticos e cuidados com o corpo.”³¹

Além da mulher que trabalha, as revistas femininas e a publicidade passaram a divulgar a mulher esportiva, com músculos e corpo definido a partir do início da década de 1920. A prática do esporte deixou de ser algo exclusivo do universo masculino. A participação feminina nas Olimpíadas, que apesar de existirem desde a Antiguidade, só se deu no início do século XX e, mesmo assim, elas não estavam liberadas para competirem em todas as modalidades. O tênis e o golfe foram as primeiras categorias tomadas por mulheres por seres considerados esteticamente belas.

O cinema norte-americano da década de 1930 também foi extremamente importante quando falamos em discursos sobre o corpo feminino. O acesso da população às salas de exibição de filmes fez com que as atrizes fossem consideradas ideal de beleza da época. Eram mulheres magras, bronzeadas e elegantes, bem penteadas e maquiadas, usavam roupas da moda e eram as musas de diversos estilistas. Segundo Laver, “na década de 30, em especial, as atrizes do cinema eram quase árbitros da moda, sendo suas roupas criadas por estilistas como Gilbert Adrian³².”³³ Assim, elas eram as principais referências para as mulheres reais, as mulheres trabalhadoras, que deveriam estar sempre esteticamente agradáveis de se ver através do olhar de terceiros. Ferreira também concorda que o cinema do período entre guerras vai influenciar na formação de um novo padrão estético de beleza, pois a indústria cinematográfica é capaz de criar “temas, universos, heróis, hábitos, valores, difunde uma cultura e cria novas referências”.³⁴

³¹ FERREIRA, op. cit., p. 191.

Segundo o pesquisador João Braga, Gilbert Adrian, nascido nos EUA (1903-1959), foi estilista e figurinista especializado em cinema norte-americano. Vestiu inúmeras atrizes e ficou conhecido ao criar uma roupa branca para Jean Crawford que evidenciava seus ombros e estreitava a cintura (BRAGA, João. "Histórias: cinema e moda." *dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda* 6.14 (2016), p. 38-40.)

³³ LAVER, op. cit., p. 240.

³⁴ FERREIRA, op. cit., p. 192.



Figura 8. Clara Bow, *O Sexo e as Roupas*, pg.194, 1996

A facilidade e o acesso à informação caminham juntos às cobranças pela busca do corpo perfeito através da disciplina, foco, exercícios físicos e dieta. Não são os músculos que vão colocar a mulher no padrão ideal, mas a magreza, novo sinônimo de vida saudável. A gordura e o sobrepeso tornam-se os novos e principais inimigos da mulher do século XX. Não basta estar arrumada, maquiada e feliz a todo instante: ela tem que ser magra. De nada vai valer ter todos os atributos citados acima se for gorda, palavra que deixa de ser um adjetivo e passa a ser a pior forma de ofensa para uma mulher.

É com esse discurso que percorremos todo o século XX: a busca do corpo perfeito, da magreza e da juventude infinita. Vale lembrar que a cirurgia plástica, apesar de existir desde a Antiguidade, começa a ser usada para fins estéticos, principalmente após o final da Segunda Guerra Mundial. Os procedimentos ainda não haviam se desenvolvido o suficiente e apresentavam certo risco, porém não era um impeditivo para as pessoas os fazerem. Na busca pela perfeição, valia tudo, até arriscar a própria vida.

2.2. Barbies fora da caixa

Existem várias ramificações dentro do universo feminino no século XX, sendo o peso decretado como

“‘elemento primordial da beleza feminina’ e o excesso de peso jamais deve ser considerado como sintoma de saúde. Ao contrário, ele pode ser perigoso, provocar riscos sanitários e até a mortalidade. A gordura se transforma no inimigo número um da elegância e da felicidade. As medidas corporais tornam-se uma marca de beleza e os concursos de beleza popularizam esse novo padrão estético.”³⁵

As décadas de 1950 e 1960 são interessantes de serem estudadas a partir do ponto de vista que dessa pesquisa, pois foram momentos em que surgiram diferentes ideais de corpo feminino como as *pin ups*³⁶, mulheres provocantes e sedutoras, com corpo curvilíneo e tonificado. As *pin ups* foram utilizadas fortemente pela publicidade da época, para divulgar e enaltecer produtos de marcas diferentes, embora muitas vezes os produtos nem eram voltados para o público feminino. A General Motors, por exemplo, investiu em um anúncio de carros com estampado por uma *pin up* como forma de chamar atenção de seu público alvo: os homens. A fábrica de pneus Pirelli também ficou conhecida por lançar um calendário com fotografias *pin up* pela primeira vez no ano de 1964.

“O corpo passou a ser um valor cultural que integra o indivíduo a um grupo, e ao mesmo tempo o destaca dos demais. Ter um corpo ‘perfeito’, ‘bem delineado’, ‘em boa forma’ consagra o homem e representa a vitória sobre a natureza, o domínio além do seu corpo, o controle do seu próprio destino. A gordura, a flacidez, o sedentarismo simbolizam a indisciplina, o descaso. As pessoas são culpadas pelo ‘fracasso’ do próprio corpo. Nesta cultura, que classifica as pessoas a partir da forma física, a gordura passa a ser considerada uma doença, pois é preciso construir um corpo firme, bem trabalhado, *ultramedido*. Privilegia-se a aparência como um fator fundamental para o reconhecimento social do indivíduo.”³⁷

No decorrer das décadas do século XX, não há um discurso sobre o corpo feminino que não se encaixe no comentário acima. Todas as mulheres que estavam dentro do padrão eram consideradas como parte integrante da sociedade. Podemos compreender, como consequência desse fato, os Concursos de Miss, existentes desde a década de 1950. O formato da competição é sempre o mesmo: as mulheres mais bonitas do Brasil são colocadas em um palco e julgadas até que apenas uma seja escolhida. A grande vencedora

³⁵ FERREIRA, op. cit., p. 191.

³⁶ O termo *pin up* significa “fotografia ou figura de pessoa atraente, especialmente uma que não usa muita roupa, que é colocada na parede pelas pessoas para ser olhada; 2. Pessoa que aparece na imagem de pin-up.” (HORNBY, Albert Sydney. *Oxford advanced learner’s dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 1144).

³⁷ GARRINI, Selma Peleias Felerico. Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA E MÍDIA, São Paulo, 2007, p. 5.

então vira a concorrente de outras no chamado Miss Universo. Os padrões de corpo mudaram um pouco ao longo dessas décadas, mas todas são majoritariamente magras.

Em tempo, as décadas de 1950 e 1960 foram palco de diversas transformações do padrão de beleza feminino. Do ponto de vista do corpo da mulher, assistimos uma maior erotização e a presença de elementos provocantes em relação a estética. Segundo Denise Sant'Anna, “estamos constantemente redescobrimo o corpo”, intervindo e modificando-o conforme queremos ou somos induzidos a querer, seja pela mídia e o padrão ideal ou pelos discursos de saúde, muitas vezes disfarçados de preconceito e fobia.³⁸ Dessa maneira, a década de 1960, conhecida por ser um período de revoluções ao redor do globo, foi um divisor de águas na questão do corpo feminino. Segundo Sant'Anna, “era preciso assumi-lo e redimi-lo, reconquistá-lo, conhecê-lo e liberá-lo.”³⁹ O movimento feminista⁴⁰, nascido nessa época, questionava o papel da mulher na sociedade, não só como esposa e mãe, mas também como trabalhadora e ser humano pensante e questionador. Por que não questionar o que estávamos/estamos fazendo com nossos corpos? Por que as mulheres devem estar sempre elegantes, arrumadas, perfumadas, felizes e magras? Não tratar mais o corpo como um assunto tabu foi primeiro grande passo para a libertação feminina. Matesco explica que “a afirmação de uma ideologia de corpo autêntico e libertário, nas décadas de 1960 e 1970, contribuiu para a construção da imagem de um corpo puro centrado na experiência física e cotidiana”.⁴¹ De fato, o feminismo e as mulheres foram os protagonistas que abriram espaço para uma discussão que perdura até os dias de hoje. Denominamos esse momento dentro do movimento citado como “segunda onda do feminismo”, caracterizada por debater a sexualidade, família, posicionamento das mulheres no mercado de trabalho, os direitos reprodutivos (a pílula anticoncepcional) e as desigualdades de gênero.⁴²

³⁸ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Descobrir o Corpo: uma história sem fim. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2000, p. 50.

³⁹ *Ibidem*, p. 51.

⁴⁰ O livro *A Mística Feminina*, escrito por Betty Friedan e lançado em 1963, é considerado a “bíblia do feminismo”. Segundo a autora Célia Regina Jardim Pinto, o feminismo é um movimento libertário que visa discutir as relações de poder entre homens e mulheres e busca igualdade entre os dois no trabalho, na vida pública e na educação e também luta por liberdade e autonomia para decidir sobre seus corpos e suas vidas (Friedman, Betty. “A mística feminina.” *Rio de Janeiro: Vozes* (1971).

⁴¹ MATESCO, Viviane. *Corpo, imagem e representação*. Zahar, 2009, P.8

⁴² Período entre as décadas de 1960 e 1980.

Ao mesmo tempo em que o feminismo está em evidência, a mídia e moda lançam um novo padrão de corpo e beleza: a modelo Twiggy, uma menina macérrima com cabelos curtos e cílios de boneca. Nesse caso, a novidade não era o corpo magro nem a androginia de Lesley Lawson⁴³, mas sim a juventude. Adicionamos uma nova referência para o ideário feminino.



Figura 9. Twiggy. Fonte: <<http://www.twiggylawson.co.uk/sixties1.html>>. Acesso em 14/05/17

É possível fazer uma relação entre a luta pela liberdade e pela máxima “meu corpo minhas regras” a partir desta segunda onda feminista. Graças às inúmeras discussões e debates acerca do corpo feminino, as mulheres puderam chegar ao século XXI lutando por quem elas querem ser de fato. Não é uma trajetória simples, ainda nos deparamos com discursos engessados acerca do padrão ideal de beleza e felicidade, principalmente quando estes estão disfarçados pela “preocupação com a saúde”.

2.3. A Auto-estima delirante e o corpo espetáculo

A década de 1980 foi caracterizada pela forma física como principal obsessão estética. Em uma época que a AIDS começou a ser debatida, vista e percebida, as pessoas dirigiam-se para as academias em busca de um corpo que aparentasse ser o mais saudável possível. Havia programas de televisão dedicados às aulas de ginástica para mulheres, capas de revistas femininas com mulheres ditas perfeitas estampadas a capa e dietas para perder peso para o verão, editoriais feitos para “disfarçar as gordurinhas indesejadas”,

⁴³ Verdadeiro nome da modelo Twiggy.

exemplos de roupas para cada tipo de corpo (magro) e até dicas de sexo. Nesse sentido, um corpo “adequado” se diferenciava de um “inadequado” quando o último é considerado “fora de forma” e o vestuário não está adequado ao corpo, como por exemplo usar uma blusa que deixe a barriga à mostra. Muitas revistas dedicadas ao público feminino contavam com sessões de moda em que pessoas eram fotografadas na rua e os editores diziam se elas estavam ou não cometendo um erro ao se vestirem daquele jeito. Provavelmente muitas autoestimas foram atingidas e abaladas ao lerem essas reportagens tendenciosas.

Parte deste capítulo se dedica a discorrer sobre os exercícios físicos enquanto prática comum durante o século XX, principalmente depois que as mulheres puderam participar de eventos esportivos, como as Olimpíadas. De acordo com Araújo e Meneses,

“com o apoio do discurso médico, diante do respeito que apresenta ao orientar as pessoas com o objetivo de garantir a saúde, os corpos femininos passaram a ser literalmente atravessados pelas ginásticas que, ao longo do século XX, foram sendo enunciadas como moda e sinônimo de saúde e bem-estar.”⁴⁴

A ginástica e a aeróbica foram as grandes protagonistas da época. Malhar significava saúde, beleza, qualidade de vida e longevidade. Segundo Araújo e Meneses, a naturalização de corpos “bem construídos” e com proporções equilibradas poderia acontecer graças ao esforço nas academias.⁴⁵ Vivia-se uma série de culto ao corpo e valorização da forma e dignidade física. Corpos proporcionais seriam esteticamente agradáveis de ser ver, não causam incômodo. A exposição dos corpos eram de ordem fundamentalmente estética. Para atingir a forma ideal e aceita pela sociedade e expor o corpo sem constrangimentos, era preciso investir na força de vontade e na autodisciplina, alertam as revistas femininas.

Ainda é muito comum encontrarmos os “cronogramas de beleza”, manuais que devem ser seguidos para atingir o corpo perfeito no verão, divididos por estações do ano:

⁴⁴ ARAÚJO, E. M. N.; MENESES, J. R. Histórias do corpo e do feminino no Brasil do tempo presente. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Paulo, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, 2011, p. 4

⁴⁵ *Ibidem*.

tratamentos estéticos no outono, cirurgia plástica no inverno e “correr atrás do prejuízo” na primavera, estação onde ocorre a maior procura por academias.⁴⁶

O gordo causava desconforto, passava uma impressão de preguiça, desleixo e de uma vida nada saudável. Assim, “naturaliza-se a ideia da boa forma, da prática de ginástica e das dietas como conquista e manutenção da qualidade de vida”.⁴⁷ Acrescenta-se a essa observação a afirmação de Vigarello e Penchel de que negligenciar o próprio corpo é falhar, é desleixo, ser irresponsável e descontrolado, é ser incapaz de se regrar ou se transformar.⁴⁸

A silhueta feminina, mais uma vez, foi se modificando. Os corpos ultra magros da década anterior foram sendo substituídos por novas formas, novas curvas, pelo corpo dito “normal”, expressão altamente questionável nos dias de hoje. A moda ocidental⁴⁹ também favoreceu estes corpos “normais”, pois foram produzidas roupas coladas ao corpo, que evidenciavam as curvas. O objetivo principal era exibir os corpos de academia e fortalecer o discurso de que corpos magros eram corpos saudáveis. Criar um corpo esbelto e sarado era formar um novo estilo de vida e, principalmente, uma nova identidade, para não correr o risco desse corpo se tornar obsoleto:

“Há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade (...) Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem sucedidos.”⁵⁰

Essa busca pelo corpo perfeito reflete também na procura por roupas. Se existe um certo padrão de corpo vigente, por que produzir para outros tipos de corpos? Por que mulheres com corpo fora do padrão devem se vestir bem se determinada roupa não vai

⁴⁶ GOLDENBERG, Mirian. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Editora Record, 2002, p. 27.

⁴⁷ ARAUJO; MENESES, op. cit., p.8.

⁴⁸ VIGARELLO; PENCHEL op. cit., 2012, p. 300.

⁴⁹ O termo “moda ocidental” foi usado neste trecho, pois é importante destacar também a importância da moda oriental na década de 1980, uma vez que os principais estilistas da época – Issey Miyake, Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto – desenvolveram roupas desestruturadas, largas, com muitas pregas, volume e sobras de tecido.

⁵⁰ GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 2, jul./dez.2006, p. 117.

ter um caimento perfeito nelas? Mais uma vez, as roupas não são pensadas para mulheres gordas.

Durante a década de 1990, não houve muitas mudanças em relação ao padrão corporal: o magro continuou em voga. O destaque que damos para essa década em termos de corpo são as *top models*, que ficaram conhecidas graças à Linda Evangelista – que não saía da cama por menos de 10 mil dólares por dia – e outras, tais como: Cindy Crawford, Claudia Schiffer, Naomi Campbell e Kate Moss. São mulheres ultra magras que despertaram o desejo de praticamente todas as mulheres comuns da época. É o bombardeio diário de rostos e corpos perfeitos na mídia em geral que nos fazem questionar se realmente precisamos mudar nossos corpos para nos encaixarmos na sociedade.

Contudo, é interessante ressaltar que, ao longo da década, um novo olhar sobre o corpo foi construído através de uma forma tida como socialmente imperfeita. A antropóloga Valéria Brandini destaca um desfile do estilista Alexander McQueen em que aparece a atleta paraolímpica Aimee Mullins, que teve as pernas amputadas quando era bebê devido a um problema raro na formação óssea das pernas⁵¹, com

“uma armadura de couro medieval e pernas esculpidas em madeira, para além de instalação viva, arquitetura híbrida do corpo, imagem cruel de beleza rara, o *designer* nos falava através da forma moda sobre realidades que fazem parte da vivência humana e que habitam um universo oposto ao universo da moda: enquanto a forma moda busca a fantasia da *beauté*, da perfeição das formas do corpo, da sedução e da frivolidade, a imagem de Aimee nos falava da perda, da dor, da mutilação, da conquista e da possibilidade. O universo da beleza era então usado para falar da deficiência, do horror, da hibridização, do grotesco aspecto da vida que a lógica da moda ignora”.⁵²

⁵¹ Cf. <<https://www.deficienteciente.com.br/exemplo-de-superacao-aimee-mullins.html>>. Acesso em 25 mai. 2017

⁵² BRANDINI, op. cit., p.31.



Figura 10. Aimee Mullins e a prótese de madeira. Fonte: <<http://www.anothermag.com/fashion-beauty/7158/alexander-mcqueens-carved-prosthetic-leg>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

O estilista brasileiro Alexandre Herchcovitch também percebeu esse movimento da moda quando colocou modelos carregando bonecos que pingavam sangue durante o desfile de formatura da Faculdade Santa Marcelina, em 1993. Até então, seus principais clientes eram *drag queens* e outras figuras do *underground* paulistano. Na época, seu trabalho de conclusão de curso chocou o público.⁵³

⁵³ Cf. <<http://elle.abril.com.br/moda/10-desfiles-inesqueciveis-de-alexandre-herchcovitch/>>. Acesso em 25 mai. 2017.

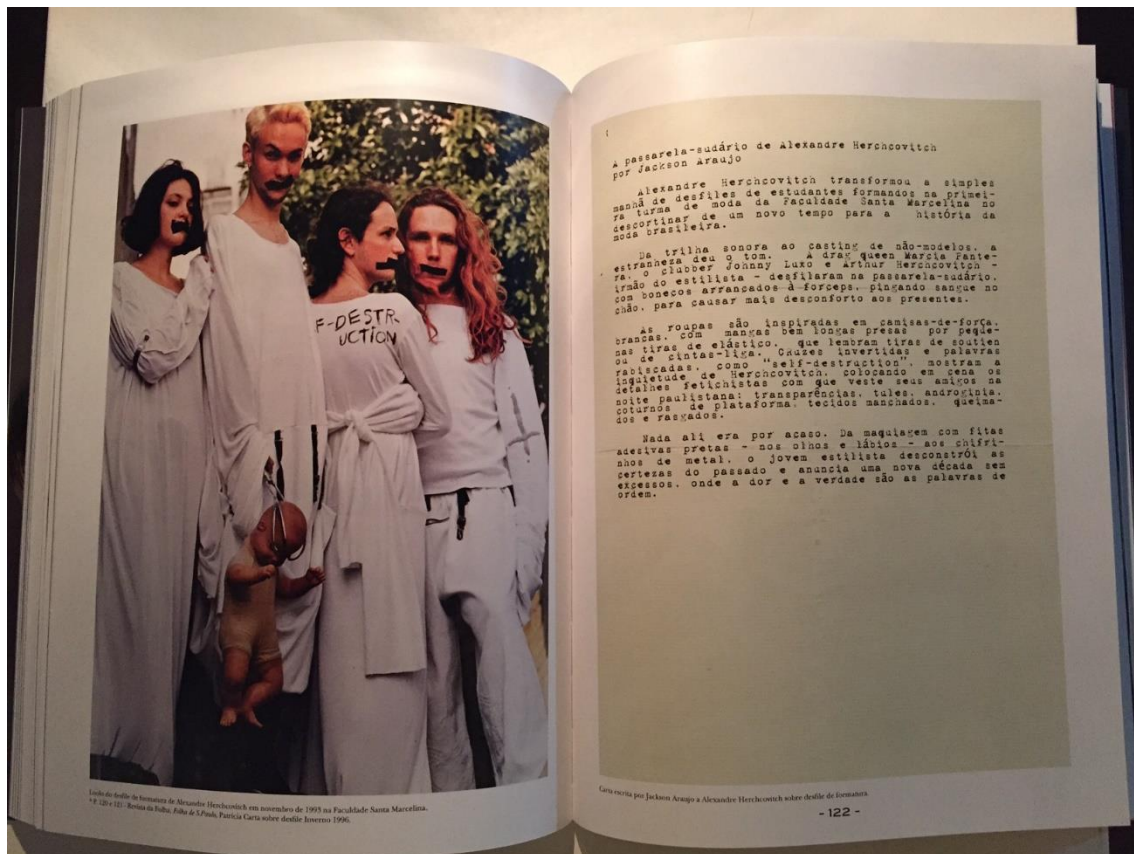


Figura 11. Looks do desfile de formatura de Alexandre na Santa Marcelina.. Fonte: <<http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/estilista-alexandre-herchcovitch-lanca-novo-livro-11/>>. Acesso em 25 mai. 2017.

As práticas semeadas por importantes estilistas dos anos 1990 reverberam na moda até os dias de hoje, pois o atual mercado captura modelos tidos como socialmente imperfeitos e os utiliza como comunicação de moda de suas marcas em campanhas, editoriais, revistas, desfiles, *fashion films* e qualquer outra forma de que faça com que a marca pareça inclusiva e integradora de padrões estéticos divergentes.

Capítulo 3

Neste capítulo, analisamos os discursos sobre o corpo gordo na internet. Após buscas no Google, procuramos catalogar as informações em três categorias: *weblogs*, *websites* dedicados ao público feminino e perfis no Instagram. Os critérios para as escolhas foram: periodicidade de *posts* nos *weblogs* e *websites* e número de seguidores no Instagram. Ao final da pesquisa, elegemos o seguinte:

Weblogs

- Ju Romano – Entre Topetes e Vinis: <http://juromano.com/>
- Grandes Mulheres - <https://grandesmulheres.com.br/>
- Moda *Plus Size* Brasil - <http://modaplussizebrasil.com.br/>

Website

- Lugar de Mulher - <http://lugardemulher.com.br/>

Instagram

- Juliana Romano - https://www.instagram.com/ju_romano/
- Jéssica Lopes - <https://www.instagram.com/femme fatale by jeh/>
- Mariana Lima - <https://www.instagram.com/modaplussizebr/>

3.1. Weblogs

Os *weblogs*, também chamados informalmente de *blogs*, são páginas pessoais cujo conteúdo é atualizado com certa frequência através de *posts*. Ficaram cada vez mais populares devido à facilidade do acesso e também à variedade de temas e informações que conseguimos encontrar neles em poucos segundos. O fato também terem sido utilizados como diários pessoais, publicações de experiências, relatos e pensamentos de seus autores fez com que as pessoas buscassem cada vez mais as páginas de seu interesse como forma de identificação. Os *blogs* podem ser ferramentas de resistência, que funcionam como apoio para quem quer se identificar com algo que muitas vezes não se sente à vontade de expressar para a sociedade. Segundo Zago:

"A internet e, particularmente, os blogs surgem como um espaço alternativo de discussão de significados naturalizados pela mídia tradicional. Os blogs têm um papel importante como espaço democrático de produção de informação, porque qualquer pessoa que possua acesso à internet pode produzir conteúdo".⁵⁴

Os *blogs* têm um formato muito comum: são compostos de textos colocados no topo da página constantemente atualizados; na parte lateral há uma coluna com links⁵⁵ para *posts*⁵⁶ antigos e também para outros *blogs* ou *sites* que o dono da página recomenda. Geralmente também há espaço para uma pequena apresentação do autor, bem como o seu endereço de e-mail e links para as suas principais redes sociais. Ao final de cada *post*, há um espaço disponível para que cada leitor deixe um comentário sobre o assunto tratado, pois o “comentar” é muitas vezes elemento de motivação essencial para que os autores continuem escrevendo.

Os *blogs* são formas de publicação que fortalecem a expressão individual em público e “consistem em suportes para a comunicação mediada por computador, ou seja, permitem a socialização on-line de acordo com os mais variados interesses”.⁵⁷

Atualmente existem *blogs* dos mais variados temas, inclusive sobre meninas gordas que escrevem sobre moda, cultura, comportamento, sexo, corpo, etc. Nossa análise optou por escolher quatro *weblogs* que tratam do mesmo tema de uma maneira macro, mas em que cada autora escreve a partir do seu próprio ponto de vista. O que elas têm em comum é o discurso de liberdade do corpo, amor próprio e autoestima. Iremos analisá-los separadamente.

3.1.1. Ju Romano – Entre Topetes e Vinis

O *blog* da jornalista Juliana Romano foi criado em 2009, quando ela ainda trabalhava na extinta revista *Gloss*. “Entre Topetes e Vinis”, seu antigo nome, mostrava de forma mais superficial o estilo de vida da autora, através dos famigerados “*looks* do

⁵⁴ ZAGO, Gabriela da Silva. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, Niterói, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>>. Acesso em 20 mai. 2017.

⁵⁵ “Link um link é o “endereço” de um documento (ou um recurso) na web”. Disponível: <<https://sites.google.com/site/sitesrecord/o-que-e-um-link>>. Acesso em 27 mai. 2016.

⁵⁶ *Post* são publicações que os autores fazem em seus *weblogs*

⁵⁷ AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 35-36.

dia”⁵⁸. Contudo, o que este *site* tem de especial desde o seu nascimento é que Romano sempre defendeu que toda mulher pode usar o que quiser e não precisa seguir as regras da moda, o que é certo ou errado para cada tipo de corpo. Desde o começo, a autora defende que somos livres para vestirmos o que nos cai bem.

O formato da página já mudou diversas vezes, principalmente em relação à publicidade que aparece ao lado direito. Atualmente ela divide as seções do seu *blog* em: “looks”, “moda”, “bota para perna grossa”, “beleza”, “sobre” e “ale com a Ju”. O item mais importante é o que apresenta os *looks* do dia.

O primeiro *look* do dia foi postado em 2012. Desde então, Romano sempre seguiu a mesma fórmula: apresentava o *look* e mostrava formas de combinar as peças, seguindo as estampas e cores, e os acessórios. É interessante notar que ela sempre fez questão de enaltecer o corpo da mulher *plus size* com frases motivadoras e encorajando as suas leitoras a usarem o que quiserem:

“Eu realmente acredito que a gente já passou daquela fase sombria de achar que não podemos usar uma coisa ou outra porque “engordam” ou “achatam”, então de fato, excluindo essas regras bobas, **o que nos resta é ser feliz mesmo e usar roupas que transmitam uma informação de moda, algum estilo ou que transbordem nossa personalidade.**”⁵⁹

A sessão “moda” mostra a agenda dos principais eventos *plus size* a serem realizados: desde as feiras de roupas voltadas para o público *plus size* até bate-papos com mulheres gordas que relatam diversos aspectos de suas próprias vidas ou palestras sobre o crescimento da moda *plus size* no Brasil. Juliana Romano também dá destaque para eventos como o *Fashion Weekend Plus Size*⁶⁰ e escreve sobre polêmicas no mundo *plus*, como por exemplo quando escreveu um texto intitulado “Falar de amor próprio não é incentivar a obesidade #ficaadica”, em que destaca:

⁵⁸ Combinação de duas ou mais peças de vestuário que constroem a imagem final da produção utilizada pelo usuário no dia.

⁵⁹ ROMANO, Ju. *Look fashion plus size: o que escolhi para ir ao FWPS*, grifos da autora Disponível em: <<http://juromano.com/looks/look-fashion-plus-size-o-que-escolhi-para-ir-ao-fwps>>. Acesso em 23 mai. 2017.

⁶⁰ Principal evento de moda *plus size* do país, que já está em sua 15ª edição e apresenta as principais tendências de moda GG.

“Eu sempre falei de amor próprio, de autoestima e autoconfiança. Acredito que esses 3 sentimentos são empoderadores e **tiram a mulher da posição de submissa e a colocam em posição de dona de si mesma**. Uma mulher submissa, vejam, não é apenas aquela cujo marido a manda lavar a louça depois de fazer a janta. **A submissão está em diversos graus da sociedade**. Uma mulher que sacrifica sua vida social, seus prazeres e bons momentos da vida em prol de um ideal de corpo perfeito, é uma mulher submissa aos padrões. Uma mulher que não se veste como gostaria porque teme o que os outros vão falar dela, **é uma mulher submissa a padrões de comportamento**. Esses exemplos entre tantos outros de submissão é o que eu tento quebrar com diversos discursos aqui do blog. **É levar a mulher a um patamar onde ela entenda que SEU corpo SÓ pertence a ELA MESMA.**”⁶¹)

Quanto mais conhecida Romano fica, maior é a quantidade de *publiposts*⁶² em seu *blog*, mas é interessante notar que, mesmo que a maioria das roupas que ela veste para fotografar sejam de marcas que a patrocinam, o intuito da jornalista é sempre o mesmo e não foge da proposta de quando ela começou o site em 2009.

3.1.2. Grandes Mulheres

A jornalista Paula Bastos criou o blog em 2008, após uma conversa com sua irmã, que questionava o porquê da grande mídia insistia em criar apenas um padrão de beleza para as mulheres, sendo que a maioria delas não se encaixa na ideia de “corpo perfeito”. Bastos aproveitou a ideia do site para escrever o seu Trabalho de Conclusão de curso da faculdade de Jornalismo da UNESP. Posteriormente, em 2009, surgiu o Grandes Mulheres.⁶³

O *blog* é dividido nas categorias "beleza", "comportamento", "moda" e "variedades". Há seções também de “blogs que adoro”, “anuncie”, “sobre o blog”, “GM na mídia” e “contato”.

Assim como Ju Romano, Bastos também faz diversas postagens de *looks* do dia, sempre dando dicas de lojas e de como usar determinada peça de roupa para as leitoras. Seus *looks* também são usados para desconstruir a ideia de que cada corpo deve usar um tipo de roupa. Em uma de suas postagens mais recentes, denominada “**Gorda de roupa larga: quebrando o tabu!**”, ela destaca o seguinte:

⁶¹ ROMANO, Ju. *Falar de amor próprio não é incentivar obesidade #ficaadica*, grifos da autora. Disponível em: <<http://juromano.com/moda/polemica/falar-de-amor-proprio-nao-e-incentivar-obesidade-ficaadica>>. Acesso em 23 mai. 2017.

⁶² Categoria de *post* que consiste no patrocínio de uma empresa pública ou privada feito ao dono da publicação para veiculação e divulgação de algum produto ou serviço.

⁶³ Cf. <<https://grandesmulheres.com.br/sobre/>>. Acesso em 23 mai. 2017.

“Gorda de roupa larga: táí algo que os ‘especialistas’ da área de moda adoram falar que não pode. Se tem algo que me irrita profundamente na moda são essas pessoas que acham que têm o direito de ditar regras para o corpo ou estilo do outro. Não aceitem isso. **O corpo é seu, o estilo é seu e você pode e deve usar tudo aquilo que faz você se sentir bem e bonita.** Muitos desses **tabus**, inclusive, temos derrubado ao longo dos anos. Hoje faço questão de quebrar mais um: o de que gorda não pode usar roupa larga. Pode sim!”.⁶⁴

No *post* acima, Bastos coloca no título a expressão “quebrando o tabu” pelo fato de que segundo a sociedade, roupas largas não caem bem em mulheres gordas. A autora defende que esses tabus ou estereótipos criados devem ser quebrados, pois as meninas gordas devem usar o que quiserem e não o que a sociedade acha que fica adequado para elas.

Grandes Mulheres também fala de outros temas que não têm relação como o corpo, como cuidados com a casa e relatos pessoais. O *site* dela também traz a quebra de paradigmas e as mensagens positivas. Os comentários ao final de cada *post* são abertos e a grande maioria das leitoras relatam breves experiências em relação ao corpo e à autoestima, além de abordar como as leituras do *blog* tem ajudado nesse aspecto. É uma forma de terapia em grupo, onde mulheres que não se conhecem e se sentem excluídas da sociedade por não pertencerem a um certo padrão ou serem vítimas de gordofobia se ajudam. São mulheres que buscam sororidade e empatia em um ambiente onde elas são aceitas, ouvidas e representadas.

3.1.3. Moda *Plus Size* Brasil

O *Moda Plus Size* Brasil é o site mais recente dentre os analisados e foi criado pela publicitária Mariana Lima, responsável também por uma página no Youtube e um perfil no Instagram que levam o mesmo nome do blog. Lima usa o espaço para falar sobre sua visão acerca da moda *plus size*, mostrar seus *looks* e dar dicas para as suas leitoras.

O *blog* tem as seções “Moda”, “*Looks Plus Size*”, “Vídeos”, “Comportamento”, “Carão e madeixas”, “Da Gringa”, “Contato” e “Mari Lima”. Lima segue a mesma linha de Juliana Romano e Paula Bastos: descreve os *looks* que usa, apresenta formas de

⁶⁴ BASTOS, Paula. *Gorda de roupa larga: quebrando o tabu!*, grifos da autora. Disponível em: <<https://grandesmulheres.com.br/2017/05/15/gorda-de-roupa-larga-quebrando-o-tabu/>>. Acesso em 24 mai. 2017.

combinar determinadas roupas, mas não entra muito na questão do empoderamento através do texto. Ainda assim, achamos importante citar o *blog* nesta pesquisa, pois ele possui dois assuntos importantes que não são tratados nos anteriores.

Mariana Lima está grávida e conta toda a sua experiência sobre gravidez *plus size*, tema pouco discutido. A autora dá espaço para as leitoras contarem relatos, bem como mostrarem fotos de suas barrigas e apresentarem lugares que vendam roupas para mulheres grávidas *plus size*, uma vez que é um mercado pouco explorado. Em um *post*, ela revelou seus medos e anseios quanto à gestação por ser uma menina gorda, mas que buscou ajuda e conseguiu, assim, sanar as dúvidas.⁶⁵

Outra seção do *blog* que se destaca são os ensaios fotográficos profissionais que Lima promove com meninas gordas. É outra maneira de auxiliar mulheres que são inseguras em relação ao seu corpo que foge da mesmice, pois elas passam pela experiência de serem fotografadas como se fossem modelos. Sobre os ensaios, ela argumenta:

“Que mulher não quer se sentir linda, maravilhosa e empoderada não é mesmo?! Pois é, este é o principal objetivo que temos com esse projeto. Eu e meu namorado Rodrigo, fotógrafo deste projeto, decidimos registrar a beleza de mulheres plus size comuns. Quando digo comuns, quero dizer que é tudo gente como a gente sabe?! Mulheres que tem suas vidas, seus sonhos, seus objetivos, trabalham, correm atrás do querem, assim como todas nós rs.”⁶⁶

No caso acima, as fotografias são outra forma de aceitação que foge do padrão texto. As imagens, assim como as palavras, ao serem olhadas, têm o objetivo de revelar as mesmas sensações que um texto, ou seja, elas podem criar o mesmo impacto. As imagens visuais têm a capacidade de evocar um estilo de vida, capacidade que pode ser mais poderosa e mais imediata que as palavras.

3.2. Website

⁶⁵ LIMA, Mariana. *Plus Size Grávida – Como fica a barriga de uma gestante gordinha?*. Disponível em: <<http://modaplussizebrasil.com.br/plus-size-gravida-como-fica-a-barriga/>>. Acesso em 24 mai. 2017

⁶⁶ Idem. *Ensaio Fotográfico Plus Size*. Disponível: <<http://modaplussizebrasil.com.br/ensaio-fotografico-plus-size/>>. Acesso em 23 mai. 2017.

Sites são conjuntos de páginas compostas por imagens, textos, vídeos ou sons, que têm o objetivo de divulgar informações sobre algum produto, empresa, notícias comércio, etc. Nesta análise, utilizaremos apenas o *site* Lugar de Mulher, que é um portal de notícias.

3.2.1. Lugar de Mulher

O Lugar de Mulher nasceu em 2014 através das amigas Ana Paula Barbi, Clara Averbuck e Mariana Messias. Logo de início as escritoras já deixam claro qual é o objetivo do site:

“Cansamos de sites de mulher com dicas de como secar a barriga, como se vestir pra agradar homem, como decorar sua casa com itens caríssimos, como ser poderosa em 12 lições.

Cansamos de ver “moda” que não cabe na maioria de nós enfiada goela abaixo. Cansamos de gente decidindo que mulher só pode se interessar por determinados assuntos – e as que se interessam por outros então gostam de “coisa de homem”.

Cansamos e resolvemos criar esse sitezinho, um site para mulheres que também cansaram das velhas fórmulas, dos velhos conceitos e das velhas cagações de regra de como uma mulher deve ser, se portar, falar, existir.

Lugar de Mulher é onde ela quiser.”⁶⁷

Fugindo de todos os estereótipos de *sites* para o público feminino, o Lugar de Mulher conta com textos das autoras, além de participações de outras mulheres que deixam relatos sobre algum tema considerado polêmico.

O *site* tem as seções: "Maneiras", "Libertinagem", "Bonitezas", "Querelas", "Prendas" e "Entretém". No canto esquerdo, estão os temas mais lidos e procurados, ali verifica-se que gordofobia e *fatshion* estão em alta.

Ao clicar na *tag*⁶⁸ gordofobia, vamos para os textos com este tema: são 62. Já na *fatshion*,⁶⁹ encontramos 22.

Os *posts* relacionados à gordofobia têm assuntos variados. Separamos alguns que achamos convenientes para o assunto tratado nesta análise. Encontram-se a seguir, divididos em categorias:

- Relatos que acontecem com pessoas gordas no dia a dia:

⁶⁷ MULHER, Lugar de. *Sobre nós*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

⁶⁸ São palavras-chaves utilizadas para buscar um determinado assunto em um site.

⁶⁹ É uma *tag* construída a partir das palavras “fashion” e “fat” (moda e gordo).

A primeira vez que me chamaram de gorda: Nele, a autora conta que estava conversando com um rapaz pelo bate-papo do Facebook e, outro dia, um amigo dele a descreveu como “muito gorda”. Barbi diz que, ao ler aquilo não ficou com raiva dela mesma ou de seu corpo, mas sim de pessoas superficiais e insensíveis que preocupam-se com o exterior de alguém.⁷⁰

Desse tamanho e almoçando: Conta uma situação em que Ana Paula Barbi estava sentada em um restaurante almoçando e ouviu de uma senhora em outra mesa dizer: “nossa, desse tamanho e almoçando”. Ela não confrontou a pessoa no restaurante, mas reforçou que ficar sem almoçar não era saudável para ninguém, mesmo com sobrepeso, citando a questão da saúde mental, pois esta é importante, “e ser atormentada por estranhos não ajuda a saúde mental de ninguém.”⁷¹

As asneiras que mulheres gordas escutam: São listadas cinco: “Já pensou em fazer redução de estômago?”; “Por que não come menos?”; “Minha mãe/tia/cachorra emagreceu com *Atkins/dukan/vermes*”; “É só fechar a boca que você emagrece”; “Seu rosto é tão lindo, você ficaria linda se emagrecesse”.⁷²

Como é ser gorda?: Trata de como toda garota gorda se sente em certas situações banais para pessoas magras. Comer em público, ir a um shopping e só encontrar três ou quatro lojas que tenham o seu tamanho de roupa, ir a um bar e se preocupar com o tipo de cadeira, pois se for de plástico ela pode quebrar a qualquer movimento mais brusco, desconfiar de um possível flerte, pois a pessoa pode ter feito uma aposta com os amigos.⁷³ A autora conta:

“Sempre dou uma olhada em volta para conferir se não tem um grupo de amigos dele assistindo de longe e rindo, vendo se ele está mesmo cumprindo a aposta de ir falar com a gorda. Acontece mais do que você imagina.”⁷⁴

⁷⁰ MULHER, Lugar de. *A primeira vez que me chamaram de gorda*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/a-primeira-vez-que-me-chamaram-de-gorda/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

⁷¹ Idem. *Desse tamanho e almoçando*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/desse-tamanho-e-almoçando/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

⁷² Idem. *As asneiras que mulheres gordas escutam* <<http://lugardemulher.com.br/as-asneiras-que-mulheres-gordas-escutam/>> acesso em 28 mai. 2017.

⁷³ Idem. *Como é ser gorda?*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/como-e-ser-gorda/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

⁷⁴ Ibidem.

A dieta definitiva que você precisa fazer para ser feliz com o seu corpo : Mais uma lista de itens que Barbi escreve para elevar a autoestima. Dentre os itens, consta: 1) Eliminar revistas femininas, pois

“Praticamente todas as revistas femininas do mundo foram projetadas para fazer com que você se sinta mal e queira comprar coisas para se sentir melhor. Mesmo quem é magra, nunca vai ser tão magra quanto a moça da revista. Quem é feliz, nunca vai ser tão feliz quanto a moça da revista. Nem a moça da revista é como a moça da revista. O que você ganha consumindo páginas e mais páginas apontando tudo que está errado com você? Nada.”⁷⁵

Seguem os itens: 2) Acrescente imagens positivas. Aqui a escritora indica sites, blogs, tumblrs, instagrams e pinterests para que as leitoras criem um universo próprio de imagens positivas e discursos que fujam do padrão; 3) Evite pessoas nocivas. Procurar não ter contato com pessoas que façam mal nesse sentido.

- Relacionamentos:

Não pode: Gorda sofrer por amor: Barbi escreveu sobre uma decepção amorosa em seu antigo blog e recebeu um e-mail de uma pessoa dizendo que era patético uma gorda sofrer por amor. A escritora questiona qual é a relação do sentimento com a aparência e termina o post com a seguinte mensagem:

“Se você é gorda e está solteira ou sofrendo por amor, acredite em mim, não é por que você é gorda. Não é. Não te conheço, mas sei que não é. Todo mundo vai tentar te convencer que é por isso sim, que se você fosse magra todos os homens estariam aos seus pés, que perdendo aqueles quilinhos que faltam seu ex vai voltar correndo, mas não acredite nisso.”⁷⁶

Sexo pela primeira vez x corpo: Dúvidas e inseguranças de leitoras em relação à sua primeira vez com alguém. Barbi responde que quem se relaciona com uma menina gorda sabe como ela é, afinal ela não usa enchimentos embaixo das roupas, então a pessoa já deve saber mais o menos o que esperar, a não ser que “ele não tenha a menor ideia de como o corpo humano e a gravidade funcionam (...)”.⁷⁷

⁷⁵ Idem. *A dieta definitiva que você precisa fazer para ser feliz com seu corpo*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/a-dieta-definitiva-que-voce-precisa-fazer-para-ser-feliz-com-seu-corpo/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

⁷⁶ IDEM. *Não pode gorda sofrer por amor*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/nao-pode-gorda-sofrer-por-amor/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

⁷⁷ Idem. *Sexo pela primeira vez x corpo*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/sexo-pela-primeira-vez-x-corpo/>>. Acesso em 28 mai. 2017.

- Preocupação com a saúde alheia

Só estou preocupada com a sua saúde: Relato de pessoas aleatórias que reprimiram Barbi quando ela estava em algum momento de lazer (comendo um sorvete, por exemplo) e alegaram só estarem preocupadas com a saúde dela.⁷⁸

Gordo adoecer?: Como é ir ao médico sendo obesa e antes de qualquer consulta o profissional já diagnosticar a paciente sem ela nem ter dito o que tem. O tratamento para qualquer sintoma que ela tem é perder peso.⁷⁹

Daí meu médico tentou me matar: Barbi conta que sempre teve anemia e, quando foi ao médico para pedir um exame de sangue para confirmar sua suspeita, ele disse que não precisava, pois provavelmente ela deveria ter diabetes e precisava emagrecer 25kg. Entregou uma folha de dieta e recomendou caminhadas de 10 minutos por dia. Ao final da discussão, o médico fez o exame de sangue e confirmou que ela não tinha diabetes, e sim anemia.⁸⁰

3.3. Instagram

O Instagram é uma rede social criada em 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger com o objetivo inicial de compartilhar fotos para o público ou apenas para amigos. Com o passar dos anos, a plataforma passou por modificações e novos recursos foram adicionados, tais como: mensagens entre usuários, comentários nas fotos, vídeos e *stories*, lugar reservado às pessoas que tiram fotos ou fazem vídeos têm uma validade de 24h.

Essa rede social foi escolhida como objeto de análise porque é possível passar um discurso de engajamento para os seguidores através das fotos ou vídeos que são compartilhadas. Pode haver ou não comentários nas fotografias, porém não é algo tão

⁷⁸ Idem. *Só estou preocupada com sua saúde*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/so-estou-preocupada-com-a-sua-saude/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

⁷⁹ Idem. *Gorda adoecer?*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/gordo-adoece/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

⁸⁰ Idem. *Daí meu médico tentou me matar*. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/dai-meu-medico-tentou-me-matar/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

intenso quanto em um bate-papo no Facebook. A seção de comentários da rede não tem formato de conversa. A ideia é apenas comentar e não conversar.

Foram selecionados perfis de quatro usuárias, segundo o número de seguidores (mais de 50 mil), *posts* relacionados ao corpo feminino *plus size* e estilo de vida. Como já foi citado anteriormente, abordaremos a rede da Juliana Romano (@ju_romano), Jéssica Lopes (@femefatalebyjeh), Mariana Lima (@modaplussizebr) e Paula Bastos (@parispaula).

3.3.1. Juliana Romano (@ju_romano)

Diferente de seu blog, Juliana atualiza o Instagram com muita frequência. Atualmente ela possui 153 mil seguidores e 2.547 publicações divididas em vídeos e fotos da sua vida pessoal, profissional ou patrocinadas.⁸¹ Atualmente, a jornalista, que ficou conhecida por ser militante da causa *plus size*, é uma das brasileiras mais seguidas na rede.

Além das publicações sobre sua vida, Romano também participa e lança campanhas com outras blogueiras *plus size* para incentivar leitoras a se amarem com o corpo que tem. Em 2014, ela lançou a seção “A gorda e a magra” (#agordaeamagra), com o intuito de mostrar que tanto meninas gordas quanto magras podem usar o mesmo tipo de roupa. Foram postadas fotos da blogueira ao lado de meninas magras e ambas usavam roupas semelhantes. Romano também convida as leitoras a participarem: “**É só postar sua foto usando a mesma roupa que uma pessoa mais gorda ou mais magra** que você nas redes sociais e **colocar a tag #agordaeamagra**.”⁸²

A campanha perdeu a força, mas se procurada, a *hashtag*⁸³ #agordaeamagra no Instagram conta atualmente com 1143 fotos⁸⁴, ainda que nem sempre tenha sido usada para lembrar a campanha de Romano.

⁸¹ Dados de 24 mai. 17 Fonte: <http://www.instagram.com/ju_romano/>.

⁸² ROMANO, Ju. Grifos da autora. Disponível em: <<http://juromano.com/looks/gorda-e-magra-sera-que-gorda-pode-usar-mesmas-roupas-que-magras>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

⁸³ *Tags* criadas para localizar determinados *posts* em alguma rede social (Facebook, Twitter ou Instagram).

⁸⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/explore/tags/agordaeamagra/>>. Última atualização em 28 mai. 2017

3.3.2. Jéssica Lopes (@femmfatalebyjeh)

A gaúcha Jéssica Lopes tem uma trajetória um pouco diferente de Juliana Romano. Apesar de também ser defensora do discurso de que cada mulher pode e deve ter o corpo que quiser, a blogueira nem sempre esteve satisfeita com o seu corpo. Contudo, ela sempre fez questão de dizer em todas as suas redes que emagrecer era um desejo dela e que isso não fazia com que ela mudasse de opinião em relação a mulheres fora do padrão.

Lopes também atualiza sua rede social com frequência. Possui 3514 publicações e 76,2 mil seguidores.⁸⁵ Ela divide seu Instagram em *looks* do dia, *posts* patrocinados, dicas de beleza e fotos relacionadas a cerveja (ela também é *sommelier*). Seu discurso não chega a ser tão empoderador quando o assunto é corpo. Ela “fala” através de suas fotos, pois conseguimos entender que o que ela quer passar para as suas seguidores é que elas podem ser como quiserem.

Além do Instagram, Lopes mantém um *weblog* (que está desatualizado) e um canal no Youtube⁸⁶, onde grava vídeos sobre diversos assuntos: desde cerveja a maquiagem, compras e alguns esporádicos em que interage com seus seguidores que mandam perguntas para ela responder.

3.3.3. Mariana Lima (@modaplussizebr)

Mariana Lima é uma publicitária que mora em São Paulo e também é usuária assídua das principais redes sociais. Atualiza com mais frequência o Instagram, onde coloca fotos de *looks*, *posts* patrocinados, informações de beleza, mensagens religiosas e cliques do seu dia-a-dia.

Ultimamente, as fotografias de Lima têm sido dedicadas à sua gravidez. A blogueira tem usado o tema para falar sobre meninas grávidas que são *plus size*, sobre cuidados com a saúde da mãe e do bebê e os preparativos pra chegada da filha. Lima é engajada na questão do corpo e vez ou outra coloca mensagens motivadoras juntamente com as suas fotos.

⁸⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/femmfatalebyjeh/>>. Última atualização em 28 mai. 2017

⁸⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/JehLopesFemmeFatale/about>>. Criado em 03 de agosto de 2009, possui 187.118 inscritos e 18.121.431 visualizações. Última atualização em 28 mai. 2017

A publicitária e o namorado, que é fotógrafo, envolveram-se em um projeto em que meninas comuns participam de ensaios fotográficos com tudo incluso no pacote: fotos profissionais, edição, maquiagem, composição de peças, produção de moda e empréstimo de roupas e acessórios. O resultado tem sido positivo, pois é uma maneira de incentivar meninas com baixa autoestima com relação ao corpo e padrão de beleza a se sentirem à vontade.

Considerações finais

Escrever sobre o corpo feminino, suas mudanças e seus discursos é um assunto extenso e complexo. Com o passar dos séculos, percebemos que sempre houve preocupação com o corpo, mas o padrão dele nem sempre foi o mesmo. O corpo é importante principalmente para as mulheres, pois é nele que nos apoiamos e é com ele que passamos as primeiras impressões; é a nossa entrada para a sociedade, tanto como donas de casa quanto no mercado de trabalho.

Estar “agradável de se ver”, ou “estar impecável” ainda são cobranças permanentes no universo feminino, cobranças essas muitas vezes relacionadas com a magreza. A gordura ainda é rejeitada e muitas pessoas atribuem o sucesso ao corpo magro. Disciplinar o corpo para que ele seja reconhecido e aprovado socialmente, ser reconhecido pelo esforço e determinação para finalmente ser aprovado pelo olhar do outro, cuja opinião ainda é importante pra nós.

O corpo padrão vendido pela mídia ainda é o corpo magro. O corpo saudável das revistas de moda ainda é o magro. Para conquistar o amor desejado ainda é necessário ser magra. O “corpo objeto de desejo” ainda é o magro.

É sabido que vivemos o culto da imagem, mas novos discursos de resistência sobre o corpo feminino surgem a cada dia e o corpo gordo está entre eles, sendo pauta nos *websites*, *weblogs* e redes sociais na internet. Além de todo conteúdo criado para mulheres “foras do padrão”, já é possível encontrar lojas com tamanhos de roupas que vão além do 44, o *Fashion Weekend Plus Size*, mulheres gordas estampando capas de revistas famosas⁸⁷ e estrelando campanhas de beleza feminina.⁸⁸

Esta foi uma pesquisa muito delicada, pois ao mesmo tempo em que encontramos referências acadêmicas de ótima qualidade com o objetivo de enriquecer esse estudo,

⁸⁷ A atriz Melissa McCarthy na capa da revista Elle (Disponível em: <<http://www.elle.com/culture/celebrities/news/a23857/melissa-mccarthy-cover-elle-statement/>>. Acesso em: 27 mai. 2017). A blogueira Ju Romano foi a primeira gorda a posar para a Playboy (Disponível em: <<http://juromano.com/comportamento/pela-primeira-vez-vai-ter-uma-gorda-na-playboy-com-gordurinhas-e-celulite-o>>. Acesso em 27 mai. 2017) e a modelo Fluvia Lacerda estampou a capa da Playboy em dezembro de 2016 (Disponível em: <<http://www.playboy.com.br/2016/12/fluvia-lacerda-uma-capa-bombastica-para-os-colecionadores/>>. Acesso em 27 mai. 2017).

⁸⁸ Cf. Campanha Avon “Lançamento Avon True Base Líquida Matte | Cara e Coragem (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J7Sub1k_zhQ>. Acesso em 27 mai. 2017). Campanha Quem disse Berenice? “É pra mim!” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4XbFv9C_GiY>. Acesso em 27 mai. 2017).

também nos deparamos ainda com muito preconceito e gordofobia, principalmente quando buscamos discursos na internet. O gordo ainda é estigmatizado e estereotipado como ser preguiçoso e desleixado, que “é desse jeito porque quer” e ainda há um longo trabalho de conscientização pela frente.

Por outro lado, encontramos muitas pessoas determinadas a combater a gordofobia com *sites*, *blogs*, contas no Instagram e outras redes dedicadas ao assunto. É cada vez mais comum encontrarmos pessoas que problematizam questões como essa na internet, que se manifestam quando alguma marca lança uma campanha inadequada ou alguém é preconceituoso. Esse é um fenômeno interessante que não ocorria no final do século passado. Nesse quesito, a internet é extremamente significativa devido a facilidade da troca de notícias e informações.

Bibliografia

- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- ARAÚJO, E. M. N.; MENESES, J. R. Histórias do corpo e do feminino no Brasil do tempo presente. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, p. 1-12, 2011.
- BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.
- BARTHES, Roland. *Inéditos, vol. 3: imagem e moda*. São Paulo: Martins, 2005.
- BRANDES, Aline Zendonadi; DE MELLO SOUZA, Patrícia. Corpo e moda pela perspectiva do contemporâneo. *Projetica*, Londrina, v. 3, n. 1, p. 119-129, 2012.
- BRAGA, João. "Histórias: cinema e moda." *dObra [s]—revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda* 6.14 (2016)
- CALANCA, DANIELA. "História Social da Moda/Daniela Calanca; tradução de Renato Ambrósio." *São Paulo: Editora SENAC São Paulo* (2008).
- CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- ECO, Umberto. *Historia de la belleza*. Barcelona: Lumen, 2004.
- FERREIRA, Francisco Romão. Corpo feminino e beleza no século XX. *ALCEU*, Rio de Janeiro, - v. 11, n.21, p. 186-201, jul./dez. 2010
- GARRINI, Selma Peleias Felerico. Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA E MÍDIA, São Paulo, 2007
- GOLDENBERG, Mirian. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Editora Record, 2002.
- _____. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 2, pp.115-123, jul./dez.2006
- HOLLANDER, Anne; TORT, Alexandre. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- HORNBY, Albert Sydney. *Oxford advanced learner's dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2005

- LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- Matesco, Viviane. *Corpo, imagem e representação*. Zahar, 2009.
- MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel. *O Corpo Feminino em Debate*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RODRIGUES, José Carlos. O corpo na história. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 569-579, 2000.
- SANT'ANNA, D.B. Conferência "Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres" proferida na UNICAMP. Disponível em:
<http://cameraweb.ccuec.unicamp.br/watch_video.php?v=cwD159a1cz>.
Acesso em: 30 mai. 2017.
- _____. Descobrir o Corpo: uma história sem fim. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, 2000.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004.
- VIGARELLO, Georges; PENCHEL, Marcus. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente; da Idade Média ao século XX*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Ximenes, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. Estação das Letras e Cores, 2009.
- ZAGO, Gabriela da Silva. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, Niterói, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/zago-gabriela-dosblogs-aos-microblogs.pdf>>. Acesso em 20 mai. 2017.

